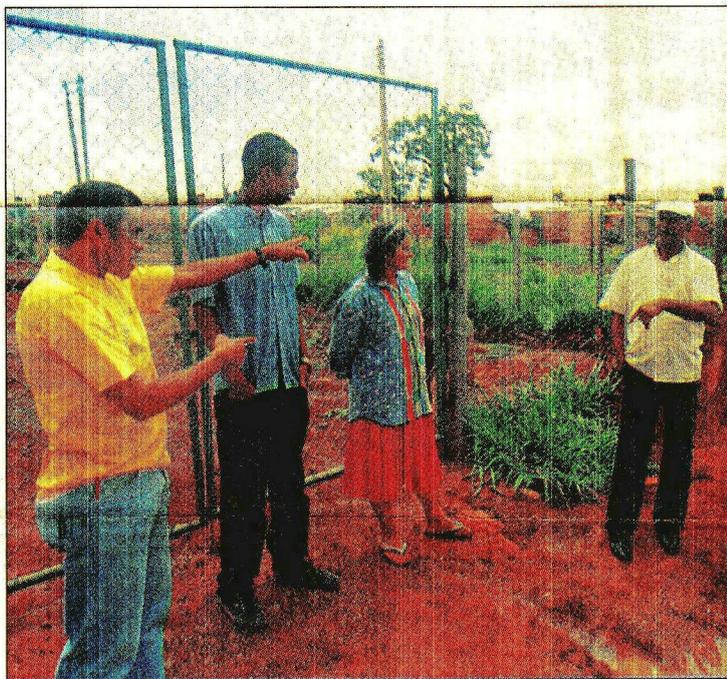


# Primeira providência foi colocar arame

Há aproximadamente seis meses, a GRPU começou a encerrar com os condôminos do Itapoã. Primeiro colocou uma cerca de arame farpado. A maneira como isto aconteceu, segundo os moradores, lembrou o período da ditadura. "Eles colocaram a cerca sem avisar ninguém", recorda-se Manoel Alexandre Neto, 49 anos.

Não deu outra. Os moradores cortaram os arames. "O governo não tem o direito de nos prender dentro de uma cerca e impedir nosso direito de ir e vir", protesta o aposentado Manoel citando a Constituição Federal. Na realidade, ele exagera um pouco.

Os moradores podem sair pelo portão principal—única entrada permitida pelo GRPU. "Mas é muito longe, moço, aqui não é condomínio de gente rica, não", ensina. "A gente não tem carro, como é que podemos andar quase um quilômetro só para sair onde o governo



**DELIOMAR Louzeiro (E):** "Eles não deram qualquer explicação"

quer?", pergunta Manoel.

A cabeleireira Ieda Batista de Moraes, 36 anos, também revolta-se com a burocracia aberta pelo governo Federal na porta de sua casa. Saiu de sua residência, vestida de blusa e camisola, apenas para reclamar. Casada,

mãe de três filhos, ela se preocupa com as crianças do condomínio. "Quem será o culpado se uma delas cair num buraco destes e morrer afogada?", questiona e com razão, pois as valas chegam a ter dois metros de profundidade.